

QUADRO LIMITADO E IMPRECISO

Sérgio Bazi

Da equipe do Correio

Na competição de curtas-metragens o que se viu foi um quadro limitado e impreciso da safra recente. Ao apostar numa distribuição geográfica, a comissão que escolheu 12 curtas entre 52 inscritos acabou privando o festival de algumas das melhores produções no pequeno formato, como o engenhoso e divertido *Brevíssima História das Gentes de Santos*, de André Klotzel.

Mr. Abrakadabra, do baiano José Araripe, faz uma simpática evocação do cinema mudo contando a história de um velho e decadente mágico. Jofre Soares encarna com inspiração um tipo chapliniano numa comédia bem-narrada que se vê com a mesma facilidade com que se esquece.

Em *Formigas & Tao*, Breno Kuiperman desperdiça a chance de satirizar um grupo de zen-budistas que enfrenta uma invasão de saúvas durante um retiro espiritual no campo. É longo demais (30 minutos) mas tem momentos de autêntica comédia involuntária.

Em termos de humor, Betse de Paula se sai melhor em *Feliz Aniversário, Urbana*. A robotizada e modorrenta vida de uma bancária brasileira é valorizada pela interpretação de Eliana Carneiro e a fotografia do veterano craque argentino Ricardo Aranovich. Mas o filme por vezes resvala no óbvio, como na forçada citação do clássico *Tempos Modernos*, de

Charles Chaplin.

Mais sugestivo é *Tudo Cheira a Gasolina*, de Vicente Amorim e Tucá Andrade. Passado dentro de um táxi na zona sul carioca, é muito competente no estilo curta-anedota.

Mas não tem o frescor de *Anjos Urbanos*, de Rosane Svartman: duas amigas (Patrícia Lopes, Sílvia Buarque) falam de pequenas e grande maldades. Com um desfecho irônico e diálogos afiados, talvez seja o melhor curta do festival.

Victor Meirelles, Quadros da História, de Penna Filho, tenta fugir da caretice didática do documentário sobre artistas plásticos, mas não consegue ir muito longe ao amarrar a narrativa com o trabalho de uma repórter de TV que prepara uma matéria sobre o pintor focalizado.

Os outros documentários da mostra de curtas em 35 mm — *Janela Para os Pirineus*, de Armando Lacerda, e *O Capeta Carybé*, de Agnaldo Siri Azevedo — buscam sustentação em textos literários e não vão além do convencional. *Pois do Escuro*, a nada modesta estréia do brasileiro Dirceu Lustosa, é um curta de cinéfilo filmado em *cinemascope*, com ar publicitário, que nada acrescenta à fórmula do filme-dentro-do-filme-dentro-do-filme. Mas vira obra-prima de habilidade e inspiração diante do inacreditável *Razão Para Crer*, onde a megalomania dos diretores, também estreantes, Heber Moura e Erik de Castro, é proporcional à falta de talento.